Rocky IV: História, Cinema e Esporte na Guerra Fria

Charles Sidarta Machado Domingos[1]

RESUMO

Este artigo analisa o filme *Rocky IV* sob a perspectiva da História Contemporânea. Buscaremos entender a representação que o filme traz sobre o início da Guerra Fria a partir da estratégia de Contenção. Em seguida, discutiremos o fenômeno Guerra Fria no qual o filme está inserido. Após, analisaremos os personagens principais da película evidenciando a estrutura narrativa desta. Por fim, mostraremos o significado da produção do filme no contexto de sua criação.

Palavras-chave: História Contemporânea – Guerra Fria – Cinema – Esporte – Ideologia

Rocky IV: History, Cine and Sports in the Cold War

ABSTRACT

This article analyzes the film Rocky IV from the perspective of Contemporany History. We will seek to understand the representation that the film brings about the beginning of the Cold War from the Containment strategy. Next, we discuss the Cold War phenomenon in which the film is inserted. After, we will analyze the main characters of the film showing the film's narrative structure. Finally, we show the significance of film production in the context of its creation.

Keywords: Contemporany History – Cold War – Cine –Sport – Ideology

Introdução

Passados mais de 20 anos do final simbólico da Guerra Fria (1989) algumas de suas imagens ideológicas ainda persistem com força na atualidade. Prova disso é a grande aceitação que o filme *Rocky IV* ainda tem nessa segunda década do século XXI

[1] Professor de História no IFSUL- Câmpus Charqueadas. Doutorando em História na UFRGS sob orientação da Prof. Dra. Carla Brandalise. E-mail: charles@charqueadas.ifsul.edu.br

no Brasil (e talvez não seja exagero dizer no mundo ocidental).

Rocky IV é um daqueles filmes que carregam com força todo o ambiente social de sua criação: as vestimentas e os cortes de cabelo dos personagens, o deslumbramento com a tecnologia em seus usos domésticos ou pela música e inserções de "*vídeo-clips*" ao estilo MTV, tudo remonta, de modo indefectível, aos anos 1980.

Rocky IV traz elementos muito singulares e que não passam despercebidos em uma análise menos superficial: ao contrário das produções anteriores e posteriores (o primeiro data de 1976, o último de 2006) *Rocky IV* tem a política como elemento central.

Não a política nacional dos Estados Unidos da América (EUA). *Rocky IV* não narra a oposição entre o Norte e o Sul como em *Tempos de Glória*, nem discute o macarthismo presente em *Boa Noite, e Boa Sorte*, tampouco aborda um escândalo das proporções do caso Watergate como *Todos os Homens do Presidente* ou mesmo o confronto entre republicanos e democratas presente em *W*. A política presente em *Rocky IV* é a política internacional. É a política que moldou o mundo por mais de 40 anos e que entrou para a História com a denominação de Guerra Fria.

Rocky IV e o início da Guerra Fria

No nosso entendimento, a Guerra Fria foi uma disputa contínua entre dois sistemas alternativos de vida. Portanto, concordamos com a análise de fundo realizada por Fred Halliday, para quem "a Guerra Fria não terminou por causa do equilíbrio do poder, ou de uma exaustão mútua, mas pela prevalência de um bloco sobre o outro, por causa de uma vitória sistêmica".[2] Em razão disso, acreditamos que a Guerra Fria tenha início em março de 1947 com o discurso do presidente estadunidense Harry Truman, no qual ele afirmava que seu país não aceitaria a expansão do modo de vida soviético.[3]

Desse modo, a justificativa do governo dos Estados Unidos para o início da Guerra Fria se encontra na Doutrina Truman. A partir da ideia de "Contenção", os EUA pretendem se "proteger" da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).[4] O

[2] HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2007, p. 206.

[3] Todavia, não refutamos totalmente recuar o início da Guerra Fria para a Conferência de Potsdam, nos arredores de Berlim, quando Truman informou a Stálin ser detentor da Bomba Atômica.

[4] Em 1947, o presidente dos EUA se dirigiu ao Congresso e pediu novas dotações orçamentárias para sua

filme *Rocky IV* faz uso dessa mesma estratégia a partir da cena da entrevista coletiva que antecede a luta entre Apollo e Drago a tal ponto que a referida cena se constitui enquanto uma metáfora do próprio início da Guerra Fria:

> Repórter: Apollo, o que fez você decidir dar esse show com o Drago?
> Apollo: Chame isso de responsabilidade.
> Repórter: Responsabilidade? Como?
> Apollo: Preciso ensinar esse garoto a boxear no estilo americano.
> Repórter: Drago não é um pouco inexperiente para estar no ringue com você?
> Apollo: Algumas pessoas só aprendem na pancada.
> Repórter: Alguma previsão de nocaute?
> Apollo: Não estou com raiva dele. Só quero mostrar que a Rússia não tem todos os melhores atletas.

Podemos perceber, através do diálogo acima, a identidade estabelecida pelo filme entre Apollo Creed e os EUA (o que mais tarde ficará ainda mais evidente quando o personagem entrar no ringue vestido como o Tio Sam) e Ivan Drago e a URSS. Apollo se reveste da mesma "responsabilidade" que os Estados Unidos se intitularam perante a América Latina com a Doutrina Monroe[5] e que, posteriormente à Segunda Guerra Mundial, assumiram perante todo o globo terrestre. É por essa razão que é preciso "ensinar esse garoto a boxear no estilo americano". O garoto não é outro senão a União Soviética, filha de uma Revolução (1917) muito mais jovem que a Revolução Americana (1776). Além de ensiná-lo ao "estilo americano", Apollo afirma que "algumas pessoas só aprendem na pancada", numa demonstração da capacidade militar dos EUA e seu uso para subjugar os demais povos do planeta.

Ao mesmo tempo em que o filme pretende enfatizar essa força estadunidense, projeta os EUA e seu duplo como não sendo portador de ódios. O objetivo é apenas demonstrar que a URSS não tem "todos" os melhores atletas da face da terra. Com isso, os Estados Unidos se colocam com relativa igualdade frente à União Soviética,

---

política externa, para sua estratégia de contenção à URSS: esse pedido ficou conhecido como Doutrina Truman. O eixo dessa doutrina é que estavam em jogo dois sistemas alternativos de vida, sendo que: "Um sistema de vida é baseado na vontade da maioria e é caracterizado por instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias da liberdade individual, liberdade de palavra e de religião e ausência da opressão política. O segundo sistema de vida baseia-se na vontade de uma minoria imposta à força sobre a maioria. Apóia-se no terror e na opressão, numa imprensa e numa rádio controladas, em eleições marcadas e na supressão das liberdades individuais. Acredito que deva ser a política dos Estados Unidos apoiar povos livres que estão resistindo às tentativas de dominação de minorias armadas ou as pressões externas" Harry Truman *apud* TARR, David. **Nos bastidores da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Victor Publicações, 1966, p. 26.

[5] Assim como a Doutrina Truman, a Doutrina Monroe (1823) tinha como justificativa ideológica a defesa frente inimigos externos (no caso o Império Russo que tinha a soberania sobre o Alasca até sua venda para os EUA em 1867 e a Espanha que almejava, com o auxílio da reação organizada pela Santa Aliança, reconquistar suas colônias americanas que estavam se independizando).

procurando angariar apoios da platéia por não aceitar a hegemonia soviética de forma passiva.

Não aceitar a imposição da hegemonia dos soviéticos nos esportes é outra maneira de dizer que não se aceita nenhum tipo de hegemonia da URSS. Identificar qualquer tipo de hegemonia soviética como sinônimo de agressão é recuperar cânones do início da Guerra Fria, em especial da declaração da Doutrina Truman, que previa atacar com objetivo de expansão, mas sob a justificativa ideológica de estar se defendendo:

> Repórter: Drago, o que você acha de lutar com o ex-campeão mundial?
> Drago: (Silêncio).
> Apollo: A língua dele não passou na alfândega.
> Ludmilla: Meu marido está muito contente com esta oportunidade. É o seu sonho.
> Repórter: Como assim?
> Ludmilla: No nosso país, Apollo Creed é bem conhecido e muito respeitado. Seria uma boa vitória.
> Apollo: Espere um minuto. Vitória? Você realmente acha que pode me dar uma surra?
> Ludmilla: Ele não veio aqui para perder.
> Apollo: Calma aí, senhorita. Ele perderá majestosamente.
> Ludmilla: Como pode estar tão certo?
> Apollo: Já venci os melhores. Já aposentei mais gente do que a Previdência Social.
> Nicoli: Com licença. Você não está sendo muito realista.
> Apollo: Por que diz isso? Do que está falando?
> Nicoli: Você pode boxear, mas está velho demais para vencer Drago.
> Apollo: Isso é um fato?
> Nicoli: Sim, e pode ser doloroso.
> Apollo: Coloque essa massa capada no ringue comigo e você verá o que é dor.
> Ludmilla: Por que você nos insulta?
> Apollo: Espere um pouco. O malvado não sou eu. Eu vim falar sobre uma luta amigável até você começar.
> Nicoli: Você é quem agrediu. É óbvio. Eu quero dizer à imprensa que Drago nem deveria lutar com esse homem. Ele já era.
> Apollo: Tragam esse trambolhão para o ringue agora.
> (Levantam. Drago, provocado, empurra Apollo).
> Apollo: Eu já disse o que penso. Terminamos isso no ringue. Você (Nicoli) e seus fantoches que se calem. Você já era.

Assim como nas palavras da Doutrina Truman, na qual os Estados Unidos se colocavam como os defensores do "Mundo Livre" em oposição aos soviéticos, referidos por Truman como *terroristas*, *opressores*, *controladores* e *supressores* da democracia, é de Apollo Creed que parte a primeira provocação dos Estados Unidos no filme: "– A língua dele não passou na alfândega". É o mesmo personagem que não aceita, sob nenhuma forma, nem mesmo no campo das possibilidades, que um estadunidense possa

perder pela força para um soviético. E parte para o ataque verbal, insultando os soviéticos até ser repreendido e declarar que não é ele o malvado, atraindo a atenção do público para quem realmente oferece o perigo, em um jogo de identidade claramente baseado na oposição nós *versus* eles.

Ao final da entrevista coletiva, Apollo trava um diálogo com Rocky. Sua preocupação está centrada em seu desempenho:

> Apollo: Como me saí?
> Rocky: Muito estridente para o meu gosto.
> Apollo: Mas bom?
> Rocky: Sim, muito bom.

Não é o desempenho na luta do esporte – pois essa ainda não aconteceu – que preocupa Apollo/EUA. O que o pugilista quer saber é como ele se saiu na provocação frente aos soviéticos. O que ele quer saber, mesmo, é se desempenhou bem o seu papel no filme e na História!

Colando os fotogramas da Guerra Fria

A Guerra Fria é um fenômeno da História do Século XX. Poucas pessoas lembram, mas Estados Unidos e União Soviética foram aliados quando ainda não eram superpotências durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Foi na segunda metade do Século XX que a Guerra Fria se tornou uma realidade e um imaginário para os países e as populações. Podemos compreender melhor a Guerra Fria a partir de uma divisão em três momentos: Guerra Fria Clássica (1947-1972); Détente (1973-1980) e Nova Guerra Fria (1981-1991).

Foi durante a Guerra Fria Clássica que a URSS obteve sua Bomba Atômica em 1949, rompendo com o monopólio de armas nucleares dos EUA. Nesse mesmo ano aconteceu a Revolução Chinesa, ampliando consideravelmente o socialismo no mundo (em que pese nos anos 1960 haver muitas divergências entre URSS e China) e dando maior paridade ao confronto entre capitalistas e socialistas. No início da década de 1950 temos a Guerra da Coréia que colocou claramente URSS e EUA em lados distintos. A partir de 1955 a URSS se reergue econômica e demograficamente e passa, agora sim, a ser uma rival plenamente capaz de assustar aos EUA. Dois anos após, os soviéticos lançam o primeiro satélite espacial e em 12 de abril de 1961 (passaram já 50 anos!!!) Yuri Gagarin, da URSS, é o primeiro homem a entrar em órbita. É desse período, no mês de outubro de 1962, que o horror nuclear parecia estar acontecendo com a Crise dos Mísseis. Os próximos 10 anos foram de medo cotidiano de uma hecatombe nuclear desencadeada pela temida Terceira Guerra Mundial. A partir de 1972, no entanto, é fechado o primeiro acordo entre as superpotências para limitação de armas nucleares, o Acordo de Limitação de Armamentos Estratégicos (SALT).

É o SALT que desencadeia o período da Détente. Todavia, seria demasiada inocência acreditar ser ele o responsável pela progressiva diminuição da produção bélica dos dois países. O que coloca os EUA em um momento de retração na indústria militar nada mais é do que a Crise do Petróleo de 1973. É um grande choque para todo o mundo capitalista.

Assim como na década de 30, a URSS não sente o impacto direto da crise do mundo capitalista. Nesse momento, a razão são as vastas jazidas de petróleo da Sibéria que garantem a sua autossuficiência energética. Some-se a isso o fato simbólico de terem sido o país que mais ganhou medalhas nas Olimpíadas de Munique em 1972 e temos a Détente balançando para um lado com mais força.

Nas Olimpíadas de 1976, dessa vez ao lado dos EUA, em Montréal (Canadá), novamente o grande destaque em número de medalhas é a URSS. Cada vez mais, cada

vez mais perto! É o momento no qual a URSS dispara em termos tecnológicos sob o comando de Brejnev. Os EUA parecem sem reação. E a URSS perde o senso da medida: a ilusão de que o socialismo triunfará parece estar prestes a deixar de ser ilusão. E isso permite, somado aos grandes lucros advindos do petróleo, que se deixe de produzir alimentos para investir todos os esforços em tecnologia industrial.

Em 1977, Jimmy Carter assume a presidência dos EUA completando seu mandato no início de 1981. Nesses 4 anos de seu mandato, a lembrança (ideológica???) que fica é de sua luta pelos direitos humanos. E esquece-se, quase sempre, que é seu governo que retoma a produção do complexo industrial-militar nos Estados Unidos. A economia volta a se organizar a partir da produção de armas. E se criam conflitos para aumentar o mercado por essas armas, como foi o apoio aos "Contra" na Nicarágua revolucionária e o rearmamento de tropas de El Salvador.[6] E na relação do imaginário procura-se também retomar os espaços: é o caso do Esporte, onde a incapacidade de mostrar uma rápida retomada da supremacia leva ao boicote das Olimpíadas de Moscou sob alegações superficiais. No bloco soviético as coisas também começam a se modificar: ao priorizar a produção de tecnologia militar a URSS começa a perder o apoio dos demais países socialistas por não enviar apoio econômico em acordo com as necessidades crescentes e ficar refém de países capitalistas, como a França, para a produção de seus alimentos.

É a partir de 1981, no entanto, que tem início a Nova Guerra Fria. Através de uma atualização do discurso da "Contenção" presente na Doutrina Truman é chegada, novamente, a hora de se defender do perigo comunista. Para tanto, se faz necessário um "esforço de guerra em tempos de paz", algo muito característico da Guerra Fria. A produção, que vinha sendo reorientada desde os anos Carter, passa a se intensificar cada vez mais gerando a "militarização da economia". O projeto "Guerra nas Estrelas" gera gastos extraordinários para os EUA, na ordem de um trilhão de dólares. A lógica deixa de ser o investimento apenas na produção de armas de agressão; em acordo com a atualização da "Contenção" a proposta é contar também com armas de defesa capazes de impedir a agressão soviética.

Esses gastos dos EUA são em grande medida cobertos pela valorização do dólar,

[6] Para saber mais sobre a Nicarágua e sua Revolução ver FRAGA, Gerson Wasen; WASSERMAN, Claudia. Canções e Revoluções na América Latina: a luta sandinista na Nicarágua. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen. **A Prova dos 9**: a História Contemporânea no Cinema. Porto Alegre: EST, 2009, p. 145-163.

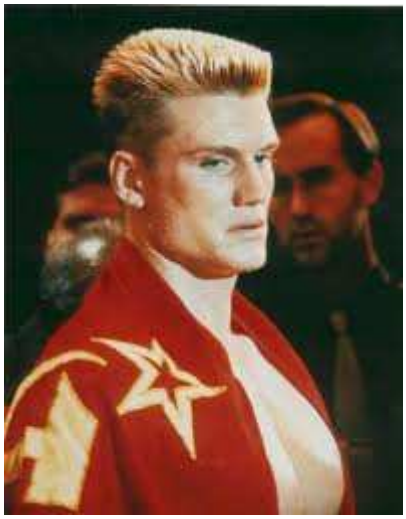
o que atrai grandes montantes vindos da América Latina, em especial dos países dominados pelas ditaduras civil-militares como o Brasil, a Argentina, o Chile e o Uruguai. Mas não são capazes de cobrir todo o déficit! Do lado da URSS, a aventura militar no Afeganistão também desperdiça recursos internos. Em 1982, pelo esgotamento econômico propiciado pela militarização da economia soviética, a Doutrina Brejnev não tem mais sustentação. Os países socialistas da Europa questionam cada vez mais a supremacia da União Soviética. Para evitar passar por uma situação pública de vexame, é a vez da URSS boicotar as Olimpíadas de 1984 em Los Angeles. A exaustão econômica é seguida pela crise do imaginário em um golpe ainda mais forte do que aquele que aconteceu durante o XX Congresso do Partido Comunista da URSS em 1956, quando Nikita Kruschev revela ao mundo os crimes de Stálin.

No dizer de Noam Chomsky temos a "América Ressurgente". No ano em que Ronald Reagan vai disputar a sua reeleição é produzido e tem sua estréia o filme *Rocky IV*. Não há documentos disponíveis, ainda, que comprovem que o filme fora encomendado pelo presidente dos Estados Unidos. Mas é inegável que a nova luta de Rocky Balboa é a luta da América. E a sua vitória frente ao capitão Drago, se não é um prenúncio, é uma injeção de ânimo para um povo que também está passando por um processo de esgotamento econômico, que fica muito visível em 1987. Assim como na luta final de *Rocky IV* os dois contendores estão no limite de suas forças: na segunda metade da década de 1980 Estados Unidos e União Soviética estão nos seus estertores. Vencerá a Guerra Fria aquele que ainda tiver a última reserva de forças – extraída sabe-se lá do suor de quem.

Rocky IV – O golpe em uma era

Rocky IV teve sua apresentação ao mundo no ano de 1985. Sua estrutura narrativa é bem simples: há um "inimigo", há "uma vítima" e há um "mocinho". A inovação, para a época, é a intermitência de cenas de filmes anteriores da série compondo um *vídeo-clipe*. Porém, há elementos dispersos ao longo dos 88 minutos da película que reforçam o simbolismo e a carga ideológica do filme com objetivos bem definidos.

Comecemos pelo "inimigo".



O Capitão Ivan Drago é um atleta soviético e um oficial do Exército Vermelho. Embora o filme não enfatize, Ivan Drago não é um atleta profissional, haja visto que na URSS o esporte não era profissionalizado – embora o Estado Soviético cobrasse intensa dedicação dos atletas aos seus treinamentos. Drago é apresentado pela primeira vez no filme vestido de militar, o que simbolicamente remete à força e à guerra. Mais ainda, é apresentado por Nicoli Koloff como alguém imbatível, pois "ninguém pode igualar sua força, resistência e agressividade". Há uma insistente associação homem/máquina ao longo do filme: Drago não apenas é um militar, ele é calado, contido, objetivo, frio, insensível, quase desumano como mostra sua fala após o confronto com Apollo Creed: "– Se ele morrer, morreu".

Ivan Drago também é treinado com o emprego de alta tecnologia, Os recursos de computação gráfica utilizados em seu treinamento, se hoje parecem brincadeira, na metade dos anos 80 eram espantosos. Além disso, *Rocky IV* tem um discurso desmoralizador frente aos soviéticos: a oposição entre as palavras de Nicoli "Ivan é treinado naturalmente" contrasta com a aplicação de injeção de esteróides mostrada mais adiante. Além de tudo, os soviéticos são mentirosos e trapaceiros, é o que explicita a narrativa do filme. O mundo não pode cair sob seu domínio!

A "vítima" é Apollo Creed.

Alguém plenamente identificado com os valores estadunidenses e que, por isso mesmo, não simpatiza com os soviéticos: "– Eles querem **nos** fazer de bobos", reclama Apollo. Nos é nós, a platéia dos EUA e do mundo ocidental. Nós devemos nos identificar com Apollo: ele desfruta as benesses do capitalismo como todos nós gostaríamos de desfrutar; ele sofreu derrotas, como todos nós sofremos; ele está envelhecendo, como todos nós envelheceremos; ele é alegre e contrasta com Drago que vem de uma sociedade sem alegrias, como demonstram as cenas de irrupção dos dois lutadores em Las Vegas. A luta de Tio Sam Apollo é a luta de todos nós, homens comuns, é o que diz o filme. Sua derrota, em termos tão trágicos, é a derrota do "mundo livre" frente aos "autoritarismos", uma derrota que irá acontecer – se não a impedirmos – também de forma trágica como uma explosão nuclear.

Eis que surge o "mocinho".

Rocky Balboa. Descendente de italianos pobres que vieram fazer a vida na América que acolhe a todos. Alguém que venceu na vida pelo próprio esforço, tão de acordo com os cânones capitalistas que regem os Estados Unidos. Um homem apegado

à família e aos amigos. Rocky luta pela honra à memória de Apollo, mesmo que essa honra dê espaço para um leve sentimento de vingança. Rocky Balboa tem o seu valor. Ao ser questionado por um repórter sobre os rendimentos que terá com a luta ele responde: "Dinheiro nenhum. Essa luta não é por dinheiro". No país do lucro e do consumismo, Rocky é uma reserva moral: é a própria humanização do capitalismo. O filme deixa claro que o dinheiro não é tudo. O que não fica aparente é que esse discurso é muito conveniente para um país em crise econômica, como o são os EUA desse período. Por fim, Rocky fará o sacrifício de lutar no Natal, pois os soviéticos sequer respeitam Nosso Senhor Jesus Cristo. Que tipo de povo é esse?

Apesar da simplicidade da narrativa há um personagem que, mesmo secundário, também traz uma importante contribuição ideológica para o filme. Paulie, o dileto amigo da família Balboa. Capaz de acompanhar Rocky nas agruras da União Soviética, Paulie faz a crítica mais direta ao modo de vida soviético: "Não mantemos nossa gente detrás de um **muro** com metralhadoras". É a crítica recorrente do ideário liberal: a falta de liberdade para os outros. E essa é uma crítica potente para os povos do Ocidente, que se identificam com Paulie quando esse diz: "Eu sou a maioria inquieta". Paulie ama a liberdade, assim como o bom povo estadunidense.

Concluindo no último assalto

A última luta de Rocky é na distante União Soviética. O caráter terminal da luta encerra muitas dúvidas: Se Drago é imbatível, Rocky morrerá? Será o fim da liberdade? Será o fim da Guerra Fria?

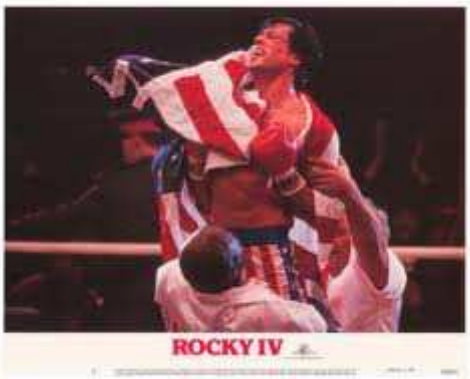
Há diversos modos de se encarar a Guerra Fria. Porém, dois deles tem maior aceitação perante os historiadores. Para um grupo, a Guerra Fria é um sistema: ela é benéfica para as duas formações econômico-sociais pois ela garante o desenvolvimento constante de Estados Unidos e União Soviética.[7] Para o outro grupo, a Guerra Fria é um conflito: é a competição entre os blocos que engendra a dinâmica internacional e que alimenta a disputa ideológica entre capitalismo e comunismo.[8]

Rocky IV desconsidera totalmente o primeiro modo de vislumbrar a Guerra Fria.

[7] Esse grupo, também conhecido como "internalista", tem em Edward P. Thompson e Noam Chomsky seus expoentes.
[8] Também conhecido como "intersistêmico". Seu nome mais expressivo é Fred Halliday.

Aproxima-se, em muitos pontos, do segundo modo, como pode ser percebido pelas palavras do protagonista: "– Mas para me vencer, ele terá de me matar. E para me matar ele precisa ter coragem de ficar diante de mim. E para fazer isso, ele deve estar disposto a morrer também". Apenas um poderá vencer, o outro será eliminado é a mensagem que o filme induz sobre a plateia.

No entanto, há uma mudança nos últimos minutos do filme. Rocky Balboa vence a luta mas não tira a vida de Drago. Professa, inclusive, um discurso que à primeira vista tem o teor pacifista e que ele encerra dessa maneira: "– Se eu posso mudar, vocês podem mudar, todo mundo pode mudar". Rocky muda dominando seu desejo de vingança, nobre que é. Ele é aplaudido pela platéia fictícia do filme, composta de atores que interpretam os soviéticos, inclusive pelo sósia de Mikhail Gorbachev.



Mas examinando com mais atenção e sob o olho da História podemos entender no que realmente consistia esse discurso. Ele prega a mudança sim, mas não a mudança individual. Ele quer a mudança do estatuto da Guerra Fria. Assim como Ronald Reagan, Rocky quer acabar com a Détente e busca na reatualização do discurso da Contenção a estratégia para atingir a Nova Guerra Fria e a partir dela mudar o mundo: mudá-lo acabando com a Guerra Fria através da vitória estadunidense.

Referências Bibliográficas

BLACKBURN, Robin (org.). **Depois da Queda**: o fracasso do comunismo e o futuro do socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

CHOMSKY, Noam. **Rumo a uma Nova Guerra Fria.** Rio de Janeiro, Record, 2007.

DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **O Brasil e a URSS na Guerra Fria**: a Política

Externa Independente na imprensa gaúcha. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2010.

_____. Cultura de pós-guerra: o aspecto nuclear e sua negação. In: **Sociais e Humanas**. Santa Maria: Vol. 23, nº 01, jan./ jun. de 2010, p. 117-125.

FRAGA, Gerson Wasen; WASSERMAN, Claudia. Canções e Revoluções na América Latina: a luta sandinista na Nicarágua. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen. **A Prova dos 9**: a História Contemporânea no Cinema. Porto Alegre: EST, 2009.

GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. A primeira vez é inesquecível: Barbarella e os sonhos de uma geração. In: PADRÓS, Enrique Serra; GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. **68:** História e Cinema. Porto Alegre: EST, 2008.

_____; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen. **A Prova dos 9**: a História Contemporânea no Cinema. Porto Alegre: EST, 2009.

———; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado; BECK, José Orestes; QUINSANI, Rafael Hansen. **Vida é Jogo! Ensaios sobre História, Cinema e Esporte**. Porto Alegre: Suliani Letra & Vida, 2011.

HALLIDAY, Fred. **Repensando as relações internacionais**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2007.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LEWIN, Moshe. **O século soviético.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

POWASKI, Ronald E. **La Guerra Fría**: Estados Unidos y la Unión Soviética, 1917-1991. Barcelona: Crítica, 2000.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **As Revoluções Russas e o Socialismo Soviético.** São Paulo: UNESP, 2003.

TARR, David. **Nos bastidores da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Victor Publicações, 1966.

THOMPSON, Edward (org.). **Exterminismo e Guerra Fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Recebido em maio de 2012.
Aprovado em outubro de 2012.